



O *SLAM* COMO REPRESENTAÇÃO DE LITERATURA MARGINAL E MANIFESTAÇÃO CULTURAL NA ESCOLA

Izandra Alves – izandraalves@hotmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, IFRS, Feliz, Rio Grande do Sul, Brasil;
<http://orcid.org/0000-0002-6063-3753>

Bruna Nathália Salerno Souza – bnathali.souza@gmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, IFRS, Feliz, Rio Grande do Sul, Brasil;
<https://orcid.org/0000-0002-8258-4649>

RESUMO: Em seus pouco mais de 30 anos de existência, o slam tem se apresentado como uma prática de poesia extremamente democrática, um local aberto às mais variadas manifestações culturais e palco para aqueles que buscam se expressar livremente. Essa prática iniciou em grandes centros urbanos e mantém-se em meio a praças e parques, de forma muitas vezes marginalizada, logo, nem sempre é possível que essas experiências sejam transformadas em dados estatísticos e números. Devido a seu caráter multifacetado e fluído, a maior parte desses registros se encontram através de narrativas dos participantes ou gravação das performances. Assim sendo, nos atemos a uma análise bibliográfica do pouco, mas proveitoso, material documentado a respeito do tema. É a partir desses materiais que nos propomos a conceituar e discutir esse gênero discursivo/poético/textual, a dissertar sobre a relação entre a leitura escolarizada e o afastamento juvenil dessa área e propor caminhos para que o slam ocorra dentro das escolas, de forma a possibilitar que jovens encontrem nessa prática um espaço de protagonismo, de (re)descobertas e expressão da própria subjetividade, valendo-se de temáticas próprias do slam ou criando suas próprias temáticas, sejam pelas demandas apontadas a partir da própria realidade ou demandas externas, através da escrita, oralidade e performance.

PALAVRAS-CHAVE: Slam; Escolarização; Poesia; Literatura Marginal.

1 INTRODUÇÃO

O *slam* tem ganhado as praças, as escadas de prédios públicos e outros importantes e marcantes espaços de circulação pública. O fato de se fazer presente e fazer-se ver entre “as gentes” demonstra seu caráter inclusivo, participativo e combativo. Trata-se de um gênero discursivo e poético contemporâneo com forte expressão e manifestação da oralidade que, infelizmente, ainda se apresenta tímida e, em certo ponto, marginal, no espaço escolar e no ensino/prática da Língua Portuguesa.

Os currículos escolares tendem a se organizar de maneira a atender somente aos discentes que correspondam a limites de uma suposta normalidade aceita pelos parâmetros sociais vigentes, de modo que muitas necessidades de alunos presentes na escola acabam não sendo contempladas pelo currículo utilizado. Apesar das muitas discussões em torno do tema e das novas possibilidades de cultura e arte que batem à porta das escolas, ela ainda está muito ligada à perspectiva de um

ensino tradicional, que muito mais exclui do que inclui os estudantes e as vozes marginais que eles evocam.

Com o intuito de ilustrar estas percepções mencionadas, trazemos estudos da pesquisadora Vera Teixeira Aguiar (2006) que apontam que a escola tradicional “opõe-se à escola sensível à diversidade, pronta para trabalhar com realidades variadas, tal qual o mundo lá fora” (AGUIAR, 2006, p.240). É nessa perspectiva de escola sensível à diversidade que o *slam* se mostra como uma possibilidade de ensino. Esclarecemos que o termo *slam* é utilizado tanto para designar o gênero, quanto as batalhas e os coletivos. Na bibliografia utilizada para este trabalho não foram encontradas diferenciações quanto ao uso do termo, sendo ele utilizado para todas as etapas da batalha e ainda para a performance.

A prática do *slam* dentro da sala de aula, muito mais do que um gênero de estudo de Língua Portuguesa e Literatura, mostra-se cada dia mais uma forma de libertação e de oportunizar voz a estudantes que são comumente excluídos ou não são acolhidos da maneira adequada pelo sistema escolar. A batalha de poesias se estabelece como um local de protagonismo a esses jovens, tão múltiplos e heterogêneos.

Pelo fato de perceber a sutil presença dessa importante manifestação artística e intensa forma de expressão da subjetividade dos *slammers* no espaço escolar, decidimos adentrar em uma pesquisa acerca deste tema. Dessa forma, surgiram alguns questionamentos norteadores para este artigo. Primeiramente, queremos discutir se é possível, dentro dos moldes atuais da escola, promover espaços que permitam a expressão dos alunos e, ainda, de que maneira o *slam* pode ser utilizado como uma ferramenta de ensino de Literatura, mais especificamente da poesia.

De acordo com nossa experiência enquanto educadoras, percebemos que a escola tradicional possibilita pouca abertura para a expressão das individualidades no ambiente escolar. Os gostos e os referenciais culturais dos adolescentes, na maioria das vezes, são sufocados pelo programa curricular do professor. Nesse sentido, oportunizar o conhecimento e a prática do *slam* dentro da sala de aula pode trazer à baila um embate entre vozes marginais que clamam por serem ouvidas, bem como aquelas que sempre foram ignoradas, de modo que é inevitável o abalar das estruturas escolares como um todo.

Uma vez que o *slam* coloca-se como um local de pluralidade e multiplicidade de vozes, em locais que normalmente não recebem manifestações literárias e para públicos dos mais diversos, através de performance oral de poesia, é necessário apontar que para a construção do presente estudo, será utilizado o conceito de performance da maneira como é abordado por Paul Zumthor, na obra “A letra e a voz: a ‘literatura’ medieval” (1993). Acerca desse conceito, o autor menciona que “quando a comunicação e a recepção [da obra poética] (assim como, de maneira excepcional,

a produção) coincidem no tempo, temos uma situação de performance” (ZUMTHOR, 1993, p.19).

Assim, discutir acerca do *slam* na escola, justifica-se por ser ele uma ferramenta histórico-cultural, que rompe com a estrutura literária da escola tradicional e que se vale da linguagem para expressar o discurso que é próprio daqueles alunos marginalizados e preteridos pela atual escola. Uma vez que nas batalhas de poesia é o público que de forma imediata discute os textos apresentados, não é necessário que os alunos *performem* para que sejam de alguma forma representados, pois no *slam*, a plateia é sujeito ativo no processo de batalha.

Nesse sentido, então, o *slam* será apresentado neste artigo enquanto representação da literatura marginal e manifestação cultural na escola apontando de que maneira esse gênero pode ser utilizado como uma forma de aproximação entre leitores e escritores, ambos unidos na tarefa de se fazerem ouvidos dentro de um sistema de ensino que, historicamente, os silencia. Para tanto, a metodologia que utilizamos se baseia na análise e discussão teórica acerca dos estudos nas áreas da leitura, da literatura e do *slam*, a partir dos autores Regina Zilbermam (2007), Maria da Gloria Bordini (2003), Magda Soares (2014), Roxane Jojo (2013), Paul Zumthor (1993), Dominique Combe (2010) e Roberta Estrela D’Alva (2011). Tendo por base estes teóricos, estabelecemos relações entre o modo como a leitura literária marginal ocupa seu espaço no ambiente escolar e contribui para o fortalecimento das culturas populares e do protagonismo juvenil.

2 *SLAM*, UM PASSEIO POR ESTA ARTE MARGINAL

O *poetry slam* ou, simplesmente, *slam* é uma manifestação cultural criada entre o fim dos anos de 1980 e no decorrer da década de 1990, originariamente nas periferias dos Estados Unidos. A palavra *slam* é uma onomatopeia da língua inglesa utilizada para indicar o som de uma batida de porta ou janela. De acordo com a pesquisadora Cyntia Neves (2017), esta palavra é algo próximo da nossa “pá!” da língua portuguesa. O termo foi emprestado por Marc Kelly Smith, um trabalhador da construção civil e poeta, que o utilizou para nomear o *Uptown Poetry Slam*, evento poético iniciado por ele em 1984, na cidade de Chicago.

Neves (2017) menciona ainda que o termo *slam* também é empregado para se referir às finais de torneios de *baseball*, *tênis*, *bridge*, *basquete*, por exemplo. A partir daí Marc Kelly Smith nomeou também os campeonatos de performances poéticas que organizava. Nas disputas, os *slammers* (poetas) eram avaliados com notas pelo público presente, sendo que os encontros ocorriam, inicialmente, em um bar de jazz em Chicago e, depois, espalharam-se para as periferias

da cidade. A iniciativa se difundiu, contagiando outras cidades dos Estados Unidos e, mais tarde, ganhou o mundo.

Uma vez que o ambiente em que se desenvolve o *slam* são os centros urbanos, ele está diretamente ligado às atividades urbanas de interação social, o que faz com que seja frequentemente relacionado ao *Hip-Hop* e embora se concretize de maneira diferente, possui bases muito semelhantes. Uma definição desse movimento pode ser encontrada nas palavras de Roberta Estrala D'Alva, escritora e *slammer* quando diz que

Poderíamos definir o poetry slam, ou simplesmente slam, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo mundo (D'ALVA, 2011, p. 109).

Assim, o *slam* é uma competição de poesia falada que acontece, na maioria do tempo em espaços públicos, tais quais praças e parques. Há situações em que o *slam* acontece em lugares fechados, como casas de culturas, bares, escolas e universidades, havendo ainda alguns *slams* itinerantes, que não possuem local ou datas específicas e, podem ainda acontecer separadamente, cada etapa da competição em um local diferente.

Encontrar definições específicas e fechadas a respeito desse tema se constitui tarefa das mais complexas, mas o que se sabe é que se tem apresentado como um espaço aberto, livre e democrático, onde questões atuais que vão desde a política até questões de gênero são debatidas de modo a constituir-se como um momento de desenfado, sem deixar de lado o posicionamento crítico.

Em todas as competições segue-se uma estrutura básica, embora a mesma possa ser flexionada de acordo com as necessidades e especificidades de cada evento: o poeta tem até três minutos para apresentar seu poema, que pode ser autoral ou não, a depender das regras daquele determinado *slam*. O texto pode ser escrito previamente ou não, sendo que não há regras a respeito do formato da poesia. Para cada uma das fases da competição é necessária uma poesia original, sendo obrigatórias entre duas e três poesias por evento.

Um ponto importante a respeito do *slam* é a noção de coletividade: o *slam* só se constitui durante o contato com o outro. Nas competições a resposta é imediata e isso é de extrema importância para a caracterização e continuidade das atividades. Como explica D'Alva, não há como construir uma proposta de coletividade no *slam* sem o envolvimento do grupo.

Para que um *slam* aconteça é fundamental a participação coletiva e ativa de todos os presentes e, embora existam artistas que se destaquem na cena, até mesmo tornando-

se celebridades e seguindo carreiras solo, como é o caso de Saul Williams, ator do premiado filme *Slam* (Levin, 1998), estes são considerados por muitos *slammers* como artistas que fazem *spoken word*, e não *slam*, na medida em que este último só se dá com a participação da comunidade, de outros *slammers*, sem que nenhuma das partes participantes se sobreponha à outra (D'ALVA, 2011, p.121).

Assim, com a proposta da construção do *slam* enquanto representação coletiva poética, os competidores recebem notas de 0 a 10 dos jurados, mas durante todo o processo estão sujeitos a avaliação e aprovação ou não por parte da plateia. O envolvimento do público ocorre através de aplausos, marcações ou até mesmo vaias no caso de algum *slammer* fazer má utilização do espaço público e das normas do evento, como por exemplo, utilizar-se de um vocabulário inadequado para determinado público.

É desta mesma plateia que saem os jurados, que se voluntariam no início do evento e seguem até a última etapa. A eles é solicitado que deem a nota da forma mais quebrada possível (com décimos), evitando assim uma necessidade de desempate. Os jurados se voluntariam durante o primeiro momento do “verso livre”, em que os participantes – competidores ou não – podem recitar seus versos de forma livre, sem necessidade de seguir um tempo específico e sem o caráter competitivo.

2.1 O LUGAR DA LITERATURA NA ESCOLA

A escola é por essência uma instituição organizada através da diferença: os alunos são divididos por idade, por séries, muitas vezes são divididas as turmas mais fracas daquelas que se entende como mais fortes, por classes sociais - afinal, é inegável que existe, sim, uma escola para pobres e uma escola para ricos - e algumas escolas mais conservadoras ainda, em pleno século XXI, conseguem manter a separação por gênero. Sendo assim, não causa espanto que a mesma fragmentação se estenda para o ensino por ela oferecido.

A pesquisadora da área da língua, Magda Soares (2006), fala em como, no Brasil, o desenvolvimento da literatura infantil e juvenil acompanha o ritmo do desenvolvimento da educação escolar e, para isso, ela cita o grande avanço/alcance da literatura infantil e juvenil, que coincide com o momento da multiplicação de vagas na escola brasileira. Ou seja, abrem-se as portas para mais crianças frequentarem os bancos escolares e, concomitantemente, a indústria do livro/da literatura para crianças entra em cena.

Autoras como Regina Zilberman (2007), Maria da Glória Bordini (2003) e Marisa Lajolo (2007) se dedicam ao estudo dessas relações entre escola e a literatura, dando especial ênfase à história da poesia e sua utilidade dentro desse espaço. Delimitada essa íntima relação entre a escola e a literatura, abrem-se novos questionamentos: Que literatura entra na escola? E como? Lajolo e

Zilberman, na obra *Literatura infantil brasileira: história e histórias* (2007) esclarecem que os laços entre a literatura e a escola se estabelecem desde o ponto em que a criança torna-se apta para o consumo de obras impressas. É nesse momento que adentramos em um outro ponto bastante relevante dessa relação entre o jovem leitor e o livro. Esse aspecto

aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outro, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação (LAJOLO, ZILBERMAN, 2007, p. 32).

Segundo a pesquisadora da leitura, Marisa Lajolo (2000), a literatura infantil e juvenil atua na construção/difusão do imaginário coletivo. Assim, a literatura infantil mais antiga, contribuía para difundir uma ideia de obediência, de regras e normas; era conservadora; induzia à passividade e à submissão. Contudo, nem por isso essa literatura é perniciososa. Cabe à escola, ao mediador a forma de abordagem e de discussão/ampliação dos horizontes de expectativas de seus leitores.

No que se refere aos estudos da literatura como prática escolar, o pesquisador Rildo Cosson (2018) sinaliza que a literatura e a educação não possuem uma relação pacífica e enfrenta um de seus piores momentos, uma vez que segundo ele “para muitos professores e estudiosos da área de Letras, a literatura só se mantém na escola por força da tradição e da inércia curricular” (COSSON, 2018, p.20). Para compreender como essa fragmentação e mesmo a negação da importância da literatura na sala de aula influenciam a formação - ou a não formação - do aluno leitor/escritor, é necessário compreender por que ela ocorre.

É importante salientar, entretanto, que não se trata de um ler por ler, é necessária uma sistematização da leitura literária. Como já apontado, a escolarização da literatura é inevitável, pois não há como não escolarizar algo que ocorre e se desenvolve dentro do ambiente escolar, o que acontece, no entanto, é que esse processo se dá de maneira inadequada. Isso porque, na maioria das vezes, a leitura literária na escola acaba sendo guiada pelo livro didático - que como já foi apontado, quase sempre faz uma didatização errônea do texto literário -, pelos cânones muitas vezes não lidos nem mesmo pelo professor e até mesmo pela moda, decidida e influenciada pelas editoras.

Se a literatura como um todo tem sido posta à prova dia após dia na escola atual, de que maneira a poesia em si se põe nesse contexto? A pesquisadora Regina Zilberman (2007), ao tratar da história da literatura, aponta que a poesia foi o gênero literário privilegiado desde o início, mesmo antes da história da literatura reconhecer-se de tal modo. O porquê desse privilégio está explicitado na própria história. Maria da Glória Bordini (2003), outra estudiosa da poesia, traz à tona a questão da utilidade da poesia. Afinal, para que serve? Não é incomum encontrarmos narrativas de sujeitos

que afirmam não gostar ou não compreender a poesia. Bordini afirma que é programático, “desde as primeiras teorias literárias, que o poema é um ser autônomo [...] ou quando muito tem uma finalidade puramente estética” (BORDINI, 2003, p.67). A poesia, como um todo, costuma ser tratada como uma literatura puramente elitista, um saber para poucos. Foi na modernidade que o poema se desvinculou de qualquer dimensão utilitária. “A poesia tornou-se um reduto de aspiração ao absoluto da linguagem e a uma transcendência sem divindades ou ideologias para as subjetividades fragmentadas” (BORDINI, 2003, p. 68).

Essa libertação que a poesia passa a adquirir, então, tira de cima de si mesma a obrigatoriedade de servir para algo e passa a existir de forma mais autônoma, deixando a linguagem unir-se à subjetividade e agir muito além das ideologias. Neste contexto, aproximamos o *slam* não somente no que tange à liberdade e autonomia, mas também na capacidade de criação poética que este gênero abrange. Isso porque não se trata apenas da leitura literária, mas também da escrita literária. O *slam* exige a presença do multiculturalismo para que se constitua; os sujeitos envolvidos são ao mesmo tempo leitores e escritores, bem como ouvintes. Assim, a subjetividade poética que surge a partir do *slam* revela sua origem democrática, participativa e sem funcionalidade específica.

A partir dessa concepção do *slammer* como um leitor/escritor torna-se imperativa a compreensão de quem lê e também de quem escreve poesia. Assim, lidar com *slam* enquanto representação de poesia é fazer o que diz Bordini (2003) quando delimita parte da construção histórica do processo no próprio sujeito lírico. A partir da modernidade do século XIX, “o sujeito lírico passa a ser concebido como um ente de papel, que possui uma identidade instável, sendo constituído pela linguagem, e a ficcionalidade da lírica passa, então, a ser reconhecida” (BORDINI, 2003, p. 68). Essa transformação, ao que parece, não foi captada ou mesmo compreendida pelo leitor, que, de forma geral, continua identificando o sujeito da enunciação ao poeta como pessoa.

Essa identificação errônea levou Dominique Combe (2010) a formular uma possível resposta para tal indagação. Em seu entendimento, essa ilusão referencial, provavelmente, deve-se ao fato de que “a poesia [...], em função da persistência do modelo romântico, é percebida como um discurso de ‘dicção’, quer dizer, de enunciação efetiva”, diferentemente do romance, cujo pertencimento aos gêneros de “ficção” é “oficial e irrefutável” (COMBE, 2010, p. 122). Sendo assim, no que diz respeito à subjetividade lírica, ele propõe que esse problema seja abordado “como um processo, uma transformação ou, melhor ainda, um ‘jogo’”. Assim, quando se fala de poesia, “o sujeito lírico apareceria como sujeito autobiográfico ‘ficcionalizado’, ou, ao menos, em vias de ficcionalização – e, reciprocamente, um sujeito ‘fictício’ reinscrito na realidade empírica [...]” (COMBE, 2010, p. 122-124).

Esse é o caminho escolhido por Combe (2010) para compreender como o “eu é um outro”, isto é, como o sujeito que se expõe em determinada obra pode referir-se ao seu autor como indivíduo e, ao mesmo, abrir-se ao universal por meio da ficção. Assim, o eu lírico ganha a ampliação e a dimensão do que realmente é: um particular/universal.

Combe (2010) adota a perspectiva de Hegel ao apontar que a poesia lírica é essencialmente subjetiva em função do papel preeminente que ela confere ao eu. Ainda hoje há quem acredite que a poesia tem como vocação o exprimir sentimentos, estados de espírito do sujeito no seu íntimo e profundidade; e o lirismo se entrelaça com a noção de poesia pessoal, privilegiando a introspecção e o eu. Sendo assim, o sujeito lírico torna-se a expressão do poeta em sua autenticidade, permeado pela sua subjetividade.

O conteúdo da poesia lírica não é o desenvolvimento de uma ação objetiva que se amplia em suas conexões até os limites do mundo, em toda sua riqueza, mas o sujeito individual e, conseqüentemente, as situações e os objetos particulares, assim como a maneira pela qual a alma, com seus juízos subjetivos, suas alegrias, suas admirações, suas dores e suas sensações, toma consciência de si mesma no âmbito deste conteúdo (HEGEL apud COMBE, 2010).

Michèle Petit (2010), em seu artigo “A transmissão cultural para tornar o mundo habitável”, trata da mediação de leitura com extrema delicadeza ao apontar que ao apresentar livros - leia-se a literatura - a jovens e crianças o mediador oferece possibilidades de que esses jovens leitores em formação pensem sobre si mesmos. É possível que encontrem nos textos algumas questões que lhes são comuns, familiares; o leitor pode perceber que não está sozinho para enfrentá-las.

Apesar da escolarização muitas vezes inadequada da literatura, estudiosos da literatura infantil partem do conceito de que “democratizar a cultura literária significa facultar o acesso a todo tipo de textos endereçados à criança, de modo que ela possa gradativamente escolher em liberdade seus gêneros, assuntos, estilos e tratamentos preferidos”, sendo assim, são os leitores “ao fim e ao cabo, que direcionam a produção literária, no diálogo que estabelecem com as obras e que repercute sobre a escrita das novas obras, e não o contrário” (BORDINI, 2003, p.69).

Por conta disso, Lajolo(1982) aponta que é preciso ensinar os alunos a compreender o texto literário, uma vez que “o texto literário é um excelente meio de contato com a pluralidade de significações que a língua assume em seu máximo grau de efeito estético” (LAJOLO, 1982, apud SILVA, 2019, p.63), isto é, para além dos efeitos de sentido ligados à leitura literária, há ainda de se considerar a plurissignificação da língua.

Quando abordada, no entanto, a importância dialógica da literatura para sua própria sobrevivência, “não há como a instituição familiar ou escolar participarem do processo de consolidação da produção-recepção sem o fortalecimento dos mecanismos de discernimento”

(BORDINI, 2003, p.72). A transmissão cultural ocorre, então, em diferentes espaços e não se limita ao ambiente escolar, daí a importância de citar também a influência das relações familiares nesse processo.

Em muitas famílias, de diferentes meios, a transmissão cultural é bem-vinda, mesmo que suas modalidades e seus conteúdos tenham evoluído. E observamos ainda que é no âmbito familiar, principalmente, que se formam os gostos para aquela ou esta prática cultural (PETIT, 2010, p.5).

Nessa perspectiva, Bordini (2003) corrobora com Petit (2010), ao apontar que tanto escola quanto família são instâncias de conservação das hegemonias sociais e necessitam de autoconsciência do seu papel político. Nesses ambientes, “pouco leem e, em consequência, passam indenes aos apelos do texto artístico e seus efeitos libertadores” (BORDINI, 2003, p.72).

Assim, à poesia enquanto elemento da subjetividade e do “eu” do autor/leitor cabe a necessidade de entender-se como “uma prática que tenha como sustentação a própria força da literatura, sua capacidade de nos ajudar a dizer o mundo e a nos dizer a nós mesmos. (COSSON, 2018, p.46)

2.2 O *SLAM* COMO REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL E DA MANIFESTAÇÃO DE CULTURA POPULAR NA ESCOLA

É no seio familiar, segundo Petit (2010), que se dá início à transmissão cultural através da oralidade unida ao afeto e à acolhida da palavra mágica, rimada ou não. Infelizmente, as batalhas diárias de muitas famílias não possibilitam este contato. Em algumas famílias, é possível que a transmissão cultural ocorra de maneira viva e intencional, mas em outras, o mesmo pode não ocorrer por diversos motivos:

Pode ser o caso, em especial, quando a luta pela sobrevivência, ou o trabalho, monopoliza o tempo diário; quando a mãe é deprimida pela vida que leva ou pelo exílio, ou insuficientemente apoiada pelo seu ambiente. Portanto, ela não está sempre em condições de compartilhar com suas crianças o momento de contar, descobrir e sonhar o mundo ao seu redor; de cantar uma canção infantil, contar uma história, menos ainda de ler uma (o que suporia que ela tivesse se apropriado de livros) (PETIT, 2010, p. 5).

De modo geral, é inegável a participação da cultura oral como o mais importante dos meios de possibilidade em relação às referências e recursos, para que a população possa ligar suas experiências, singular e individual, às representações culturais compartilhadas. A partir da noção de literatura ligada aos aspectos familiares não é possível esperar que haja uma homogeneidade em relação à formação leitora/escritora de literatura. Nelly Novaes Coelho (APUD SOARES, 2006, p.19) afirma que a literatura infantil “oferece matéria extremamente fecunda para formação humana, ética, estética, política, etc.”, sendo assim, a literatura escolarizada torna-se um meio para

um fim, pois é na escola que, em muitos casos, ocorrem os primeiros contatos com a literatura, seja ela oralizada ou não.

A leitura literária nunca é pacífica; ao longo de todo o percurso de produção literária para crianças no Brasil, observamos a tensão entre dois polos: “pedagogismo e proposta emancipatória, massificação e liberdade expressiva” (AGUIAR, 2001, p.34). Assim, dentro das escolas, ambiente de classificação e controle, há a produção de empreendimentos interessantes que, com a extensão da educação artística e cultural, poderiam, talvez, desenvolver-se, porém, como aponta Petit (2010) “a didatização das atividades culturais tem, também, efeitos perversos” (PETIT, 2010, p.8). Diante disso, muitos leitores/escritores acabaram encontrando fora do ambiente escolar um ambiente fértil para sua expressão, um espaço à margem, talvez *com* margem.

A perspectiva de multiletramentos não está ligada somente à perspectiva da multimodalidade, mas também à perspectiva multicultural. Nesse sentido, cabe ressaltar que o *slam*, pela própria definição, apresentada por Roberta Estrela D’Alva é a junção de várias culturas que se apresentam como uma competição de poesia falada, de abertura para a opinião, para a participação de uma expressão, de um eu, de uma subjetividade. Refere-se a um espaço para livre expressão poética e, felizmente, converteu-se em algo muito além de um acontecimento poético, mas sim, é um movimento social, político, cultural e artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo mundo.

O *slam* nasce inspirado no movimento do *hip-hop*, cultura de massa, popular e acessível; mas utiliza-se daquilo que era - e, em partes ainda é - uma manifestação cultural das mais elitizadas e afastada das massas: a poesia. Assim, o que, aparentemente, é paradoxal torna-se revelador de identidades, tanto da própria manifestação artística-cultural repaginada, quanto do sentido revelador das individualidades das massas participantes e engajadas no processo.

A possibilidade de habilitar jovens - alunos -, historicamente deixados à margem, como narradores das próprias vivências faz com que a prática do *slam* em sala de aula seja uma forte ferramenta de ensino. Ao trazer o *slam* para a sala de aula, muito mais do que os saberes formais pertencentes aos currículos escolares, é possível estimular esses alunos a tornarem-se porta-vozes de si mesmos e dos seus, através da valorização dos saberes de sua família, bairro e comunidade que ganham voz através da sua expressão. *Slams* são ambientes de livre circulação e participação, os alunos tornam-se poetas, ouvintes, jurados: todos os participantes do evento, mesmo quem não performa, são importantes para que o evento ocorra.

Já é possível encontrar várias narrativas de professores dando exemplos do uso do *slam* em sala de aula, práticas que foram aplicadas de maneira singular, mas que sempre tem, ao menos, um resultado em comum: o engajamento dos alunos. É inegável o desafio que encontram estes

professores para realizar tal proposta, pois lidam com emoções, sentimentos, improvisações e participação sem obrigação e a escola, não foi/não está programada para tal.

A professora Nathalia Gasparin do Rio Grande do Sul, em entrevista concedida em 2018 ao site HuffPost Brasil, narrou um pouco sobre a experiência do uso do *slam* dentro dos ambientes formais de educação. A professora de inglês da rede pública de Porto Alegre, também *slammer*, contou na entrevista ter apresentado o *slam* para os alunos de quarto a nono ano do Ensino Fundamental, incentivando-os a também escrever. Segundo a professora, através das redes sociais os alunos puderam ter mais contato com o *slam* e logo foi possível levar uma turma para uma noite de competição, em que vários alunos participaram do *slam* através de apresentações.

Um outro exemplo do uso do *slam* em sala de aula pode ser apontado no estado de São Paulo, onde é realizado anualmente ao “*Slam* de Poesias Interescolar de São Paulo”. Esse evento é organizado pelo coletivo *Slam* da Guilhermina, um dos primeiros *slams* do país e também um dos maiores e ativos, é quase impossível pesquisar pela palavra *slam* no *google* e não receber alguma performance do *slam* da Guilhermina como sugestão.

Segundo informações disponibilizadas na página do facebook do evento, ele acontece desde 2016, sendo que em sua primeira edição houve apenas quatro escolas participantes e na última edição realizada, em 2018, já eram mais de quarenta escolas participantes. No site da prefeitura de São Paulo há o registro do evento de 2017 na sessão de cultura, onde é possível encontrar informações sobre o evento daquele ano. Na página, consta que havia quarenta vagas para a etapa estadual e que cada escola inscrita deveria realizar um *slam* para que o aluno vencedor tivesse uma vaga garantida nesta etapa.

Em novembro de 2019, foi realizado o primeiro *slam* interescolar nacional, em que participaram representantes de cinco estados: São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul. A atividade ocorreu através da parceria entre o coletivo *Slam* da Guilhermina e da Feira do Livro e da Literatura de São Miguel.

Muito mais do que mostrar suas poesias, nesses espaços os alunos encontram a possibilidade de descobrir-se e também de redescobrir-se; eles encontram uma nova forma de construir a si mesmo através da própria experiência e do contato com o outro.

De forma paralela aos avanços tecnológicos, as possibilidades de interação têm tido um aumento significativo. Da mesma maneira, há uma mudança na forma como ocorrem essas interações, devido às redes sociais e outras plataformas que permitem a comunicação instantânea, cada vez mais mutáveis e efêmeras.

A partir disso, é inevitável que a relação dos leitores/escritores com os textos - sejam orais ou escritos - permaneça o mesmo. É devido à multimodalidade apresentada pelos textos

contemporâneos que o conceito de multiletramentos é retomado e aplicado. A autora Roxane Rojo (2012) aponta que “os textos [...] sejam eles impressos, digitais ou analógicos (se é que ainda existem), as imagens e o arranjo de diagramação impregnam e fazem significar os textos contemporâneos - quase tanto ou mais que os escritos ou a letra” (p.19).

Os leitores/escritores têm feito o caminho entre si e a literatura através de uma nova perspectiva e não apenas através da escola, o que não era possível há alguns anos. Na era digital, os hipertextos e as hiperlinks possibilitam uma forma de interação diferenciada, instantânea e multimodal, que acaba por desafiar as práticas escolares de leitura e escrita, que mesmo antes já eram restritas e insuficientes.

As formas de contato e leitura com os textos passou por mudanças que vão desde as ferramentas utilizadas - *smartphones, tablets, readers* - até às próprias relações pessoais, educacionais e profissionais. À medida em que novas ferramentas e meios de comunicação vão entrando no dia a dia, não apenas a forma como os contatos se estabelecem são revistas, mas também as formas como os relacionamentos se constituem, “a virtualidade tomou de assalto as formas tradicionais de interação social.” (SOUZA, 2011, p. 109)

Paralelamente a essas formas cada vez mais artificiais de comunicação vão sendo utilizadas, a distância física entre os sujeitos vai sendo notada e com isso uma nova forma de isolamento surge: ainda há o contato com o outro, mas através de uma tela. Através desse afastamento do outro é possível, ainda, apontar um afastamento desses sujeitos de si próprios, como aponta Paul Zumthor na obra *A voz e a Letra*, de 1993,

[...] a distância que o homem então parece tomar para consigo, seu afastamento do próprio corpo, sua desconfiança, até sua vergonha dos contatos diretos, dos espetáculos não preparados, das manipulações a mão nua [é] tendência contrariada sem cessar, mas dominante (ZUMTHOR, 1993, p. 28).

O uso da voz é enfraquecido e isso apenas reforça a virtualização das relações, a diminuição do contato direto e o fortalecimento do contato através das telas. Esses acontecimentos, no entanto, não parecem ser a opção escolhida por todos os leitores/escritores/ usuários da internet e dos novos meios de comunicação. A prática do *slam*, por exemplo, está em franca ascensão e só se constitui no contato com o outro, na vivência comunitária e na troca de experiências.

Para esses leitores/escritores a tecnologia tornou-se um meio de aproximação: é através das páginas nas redes sociais e vídeos nas plataformas digitais que os encontros são marcados e disseminados. Neste sentido Tiago Barbosa Souza (2011), se valendo da teoria de Zumthor (1993) aponta que “enquanto uns individualizam, outros podem utilizar novas tecnologias para praticar o inverso, socializando e intensificando a comunicação.” (SOUZA, 2011, p.110).

Há aí aquilo que Zumthor (1993) denomina corpo social, o corpo enquanto um dos elementos da performance oral. Cada *slam* é único, proferido e performado por um *slammer* específico, em um momento específico e cujas intenções são definidas naquele exato espaço de tempo. É através dessa aproximação física e verbal que os leitores/escritores do *slam* se apresentam: seja como *slammer* ou como parte da plateia, todos os sujeitos envolvidos na performance poética são de alguma forma tocados por ela. Mesmo aqueles que acessam as gravações dos *slams* através das plataformas digitais, na atual era da informação e hipertextos, são parte do embate poético, dão retornos e se posicionam frente ao que foi dito, marcando sua presença de algum modo.

Bordini (2003) indica que “são os leitores, ao fim e ao cabo que direcionam a produção literária, no diálogo que estabelecem com as obras, e não o contrário.” (BORDINI, 2003, p.73). Os *slammer*, que são ao mesmo tempo plateia e performer, leitor e escritor encontram nesses espaços poéticos a possibilidade de (re) encontrar-se, de estabelecer-se enquanto sujeitos.

A *slammer* e escritora Mel Duarte concedeu uma entrevista para o “*Slam* das Minas SP” e nela conta que “a poesia me permitiu ser quem eu sou. Ela abriu caminhos na minha vida que eu jamais imaginei cruzar”. Ainda na entrevista, disponível em sua página oficial no *facebook*, a poeta conta que foi ao começar a frequentar saraus de poesia que descobriu “nas palavras um refúgio do chicote vida e desde então as mantém como fortaleza”.

Em outra ocasião, ao conceder uma entrevista à revista *Glamour* em 2017, a poeta contou que entende o feminismo como elo de ligação com sua arte e, conseqüentemente, o empoderamento como forma de costurar essa narrativa combativa. “Todo mundo tem o seu poder [...] Para mim, empoderamento é amplificar potências. É sobre ter total poder sobre a minha fala — o que eu quiser falar, como eu quiser falar.” (DUARTE, 2017).

O *slam* Altino é um dos coletivos de *slams* escolares participantes do *slam* interescolar, já mencionado, que ocorre entre escolas de São Paulo. A professora que introduziu o projeto, juntamente com alguns alunos/*slammers* narraram em entrevista ao portal G1 da Rede Globo todo o processo de criação e consolidação do coletivo dentro da escola. A entrevista faz parte de uma série intitulada “Diário de Escola” e apresenta projetos que estão de alguma maneira promovendo mudanças positivas em escolas públicas de São Paulo. Sejam ideias para aprimorar o ensino de matemática, aumentar a participação da comunidade, combater a evasão ou dialogar sobre violências escolares, todas estas estão sendo abordadas pela sequência de entrevistas.

Carolina Lobrigato, professora de Língua Portuguesa no Ensino Médio contou sobre as mudanças ocorridas na sala de aula e também sobre como cada aluno passou pelo processo de maneira diferente, enquanto alguns alunos são estavam em avaliação e performance, outros ainda estavam no início da escrita. Segundo a professora, “o maior impacto do projeto é ver a autonomia

deles, ver como eles foram crescendo com o projeto. É aquela situação que parece que se der asas eles voam mesmo. Eles querem ser ouvidos e ouvir” (WEIMANN, 2019).

Uma vez que o *slam* acontece muito mais fora dos ambientes formais de educação e gerido através de uma perspectiva não somente literária são abundantes as informações a respeito dessa prática em entrevistas e nas páginas oficiais dos *slams*, porém, ainda há muita dificuldade em encontrar materiais dentro da academia sobre o tema. A maior parte das falas dos *slammers* são possíveis de se encontrar nas redes sociais dos *slams* e em entrevistas em *blogs* alternativos.

Torna-se evidente, com as incontáveis narrativas de projetos envolvendo o uso do *slam* em sala de aula, e também fora dela, que essa poesia performática é um lugar de expressão de uma voz, marginal; de lugar de descoberta, de possibilidade de ouvir e de ser ouvido. A poesia não está mais limitada à pura apreciação, limitada à academia e fora do alcance da população em geral, a poesia nessa perspectiva é libertadora e acessível. Nas palavras de Bordini “já não é possível que a poesia seja encarada como um jogo de palavras com finalidade puramente estética ou cujo objetivo seja apenas a apreciação”. (BORDINI, 2003, p.73). O *slam* aponta, então, para um caminho de protagonismo, de ação e de reação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que nos propomos discutir neste texto é que, diferente da perspectiva de ensino tradicional, que considera os alunos como tábulas rasas, é possível almejarmos uma escola sensível à diversidade e que busque considerar os educandos em sua forma mais plural e, porque não, dando espaço e voz às suas subjetividades. Todos os discentes são sujeitos heterogêneos, não passivos, cada um tem uma história e conhecimentos prévios que não devem e não podem ser ignorados para uma perspectiva de escola que se propõe a formar cidadãos plenamente capazes de exercerem seus papéis sociais.

Considerando que os ambientes formais de educação ainda são predominantemente pautados pelas perspectivas mais tradicionais de ensino, com os currículos ainda muito ligados aos cânones e ao ensino de gramática prescritiva, é inevitável que haja uma quebra de paradigmas ao propor uma prática tão inovadora quanto o *slam*. É dentro das batalhas poéticas a partir do embate de vozes presentes no ambiente escolar - uma tradição escolar engendradora no tradicionalismo - que as falas marginais dos estudantes tentam emergir frente ao silenciamento que lhes é imposto. Essa necessidade de ordem costumeiramente ligada à escola nem sempre é explícita, muitas vezes está relacionada não a uma proibição formal – afinal de contas *slam*, *hip-hop* e *rap* são gêneros abordados

na BNCC –, mas a um silenciamento tão inerente ao ambiente escolar, que é difícil para as próprias instituições perceberem e romperem esse ciclo.

Não é apenas a forma como a escola define o que é cultura, conhecimento ou poesia que pode se constituir entrave para a prática do *slam*, mas também aquilo que a comunidade no geral aceita como cultura. Um gênero tão novo não é visto somente com desconfiança pelos professores e por equipes pedagógicas nas escolas, mas também por grande parte da comunidade escolar como pais, funcionários e mesmo os alunos, já tão acostumados a não terem voz e representação.

Possuímos a certeza de que o trabalho com um gênero tão novo e não fixo se estabelece um grande desafio, dada a notória dificuldade de fixar conceitos e padrões tão bem aceitos dentro da escola. O *slam*, enquanto constrói pouco a pouco seu caminho para a sala de aula, se propõe estar aberto, disposto a se rever e adaptar às novas tendências que surgem, o que faz dessa batalha poética um importante caminho para novas discussões e novas formas de reavaliar conceitos já estabelecidos.

O *poetry slam* ou, simplesmente, *slam* tornou-se uma possibilidade real de interação social e de descoberta de si mesmo, propiciando que os autores/escritores possam libertar suas próprias vozes e também a do outro, em uma constante troca de experiências e vivências, através de situações de produção escrita, performance e socialização. Assim, realizar estas práticas na escola torna-se uma excelente possibilidade de protagonismo juvenil, através dessa arte ainda marginal nesse meio escolar. Esse protagonismo contribui para o tão falado e debatido empoderamento, que nada mais é, neste contexto, que assumir a autonomia das vozes até então silenciadas. O *slam* pode, então, servir de porta de entrada para que se viabilizem tomadas de decisões por aqueles que sempre foram silenciados e, por estarem, desde sempre, à margem do produto cultural fornecido pela escola, não possuíam acesso a ele. Assim, agora, poderão ser os heróis de suas próprias histórias.

A partir do processo de escrita e de performance é possibilitado aos alunos o encontro de novas realidades e visões, antes sutilmente silenciadas por um modelo de escola que os exclui. Promover espaços de livre expressão poética/discursiva dentro do ambiente escolar choca-se com o conceito da suposta necessidade de ordem ligada à escola. No momento em que vozes marginais ganham visibilidade e poder de fala, essa ordem pré-estabelecida perde força e outros paradigmas de educação surgem para contestar o até então convencionado por um determinado grupo.

Não buscamos, no entanto, apresentar medidas fechadas e engessadas para a prática do *slam* no ambiente escolar sob pena de cairmos exatamente no ciclo de literatura escolarizada de maneira inadequada que tanto já foi criticada. Escolarizar esse gênero textual é uma grande possibilidade de abrir espaço para adolescentes e jovens assumirem-se protagonistas da palavra em

forma de arte, que tanto pode denunciar, questionar ou, simplesmente, emocionar através do verso que rima, acaricia, embala e ensina.

4 REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.): *Era uma vez... na escola : formando educadores para formar leitores* / Vera Teixeira de Aguiar [et al.] . – Belo Horizonte : Formato Editorial, 2001. – (Educador em formação)

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura literária e escola. In: EVANGELISTA, Aracy et al. *A escolarização da leitura literária*. – 2ª ed, 2ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 235-255.

BORDINI, Maria da Glória. A poesia e seus usos na infância. In: BARBOSA, Márcia Helena Saldanha & BECKER, Paulo (Orgs). *Questões de literatura*. Passo Fundo: UPF Editora, 2003.

COMBE, Dominique. *A referência desdobrada: o sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia*. Tradução de Iside Mesquita e Vagner Camilo. Revista USP, São Paulo, v. 84, p. 112-128, fev. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13790/15608>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

COSSON, Rildo. *Letramento literário : teoria e prática*. 2. ed., 8º reimpressão. São Paulo : Contexto, 2018.

D'ALVA, Roberta Estrela. *Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena*. Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, Synergies Brésil n° 9 – 2011, p. 119 - 126.

GONÇALVES, Filipe. 'Diário de Escola': Professora adota o slam para ensinar português em escola da Zona Leste de SP. *G1*, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/educacao/noticia/2019/09/30/diario-de-escola-professora-adota-o-slam-para-ensinar-portugues-em-escola-da-zona-leste-de-sp.ghtml?fbclid=IwAR0QQk4V_cy1XSITQZs8XIPqKnThllaBKIBu0Nvw62YgTEhX9nWSXYgmppg>. Acesso em: 27 de out. de 2019.

III SLAM INTERESCOLAR. *SP Cultura*, 2017. Disponível em: <<http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/evento/32603/>>. Acesso em: 19 de out. de 2019.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 6. ed. 7. reimp. São Paulo: Ática, 2007. (Série Fundamentos)

NATI Gaspa: *A professora que leva a poesia das ruas para a sala de aula*. HUFFPOST, 2018. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/06/03/nati-gaspa-a-professora-que-leva-a-poesia-das-ruas-para-a-sala-de-aula_a_23442915/>. Acesso em: 23 de out. de 2019.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. *SLAMS – LETRAMENTOS LITERÁRIOS DE REEXISTÊNCIA AO/NO MUNDO CONTEMPORÂNEO POETRY SLAMS*. Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil. Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017.

NOGUEIRA, Mariana. "Empoderamento é ter total poder sobre minha fala", diz a poeta Mel Duarte. *Revista Glamour*, 2017. Disponível em: <<https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Must-Share/noticia/2017/11/empoderamento-e-ter-total-poder-sobre-minha-fala-diz-poeta-mel-duarte.html/>>. Acesso em: 20 de out. de 2019.

PE'ITI, Michèle. IN: ROSING, Tânia M. K.; BURLAMAQUE, Fabiane Veraldi. *De casa e de fora, de antes e de agora: os estudos de literatura infantil e juvenil*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010, p. 13-33.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SLAM Altino. Slam Altino: Ninguém cala o nosso grito. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Slam-Altino-Ninguem-cala-o-nosso-grito-313423262780152/>>. Acesso em: 26 de out. de 2019.

SLAM do grito. Sobre o slam de poesia. Disponível em: <https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=118910134946145&id=112063975630761>. Acesso em: 15 de out. de 2016.

SLAM ganha força nas periferias do Brasil e cria geração de poetas urbanos. *Secretaria Especial da Cultura*, 2019. Disponível em: <<http://cultura.gov.br/slam-ganha-forca-nas-periferias-do-brasil-e-cria-geracao-de-poetas-urbanos/>>. Acesso em: 05 de nov. de 2019.

SILVA, Jeeane Souza da. As adaptações literárias no contexto escolar. In: CARVALHO, Diógenes Buenos Aires; VERALDI, Fabiane; SÁ, Paula Fabrisia Fontinele de (org.). *Quando se lê a literatura infantil e juvenil, o que se lê? Como se lê?* – Rio de Janeiro (RJ): Bonecker, 2019.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy et al. *A escolarização da leitura literária*. – 2ª ed, 2ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 17-48.

SOUZA, Tiago Barbosa. *A performance na cantoria nordestina e no slam*. Universidade Federal do Ceará, 2011.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. Tradução Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

WEIMANN, Guilherme. Slam Altino: ninguém cala o nosso grito! *Criativos da escola*, 2019. Disponível em: <https://criativosdaescola.com.br/slam-altino-ninguem-cala-o-nosso-grito/>. Acesso em: 29 de out. de 2019.

Title

Slam as a representation of marginal literature and cultural manifestation in school

Abstract

Since its little more than 30 years of existence, slam has presented itself as an extremely democratic poetry practice, a place open up to multiple cultural manifestations and a scene for those who want to express themselves freely. This practice had started in big urban centers and is happens in the middle of squares and parks, being often marginalized, hence is rarely possible for these experiences to be transformed into statistical data and numbers. Due to its multifaceted and fluid character, most part of the records is found in way of participants' narratives or videos of the performances. We decided to stick to a bibliographic analysis of the small but useful documented material on the topic. It's based on these materials that we propose to conceptualize and discuss this discursive /poetic/textual genre, to talk about the relationship between school reading and the withdrawal of young people from it, and to propose means for slam to bring slam to schools, in order to enable young people to find in this practice a space of prominence, of (re)discoveries and expression of their own subjectivity, using themes specific to slam or creating their own themes, whether due to the demands pointed out from the reality itself or external demands, through writing, speaking and performance.

Keywords

Slam; Schooling; Poetry; Marginal literature.

Recebido em: 02/05/2020.

Aceito em: 26/08/2020.